

Efeito do treino com um software sobre o comportamento de identificar comportamentos verbais do psicoterapeuta¹

(The effect of the training with a software on the behavior of identifying the psychotherapist's verbal behaviors)

Diogo Antônio Bloes Chagas & Fernanda Borges Bessa²

Universidade Federal de São João del-Rei
(Brasil)

RESUMO

Muitos autores têm focado o comportamento do psicoterapeuta como variável crítica para obter a melhora do cliente. Quais habilidades são fundamentais ao psicoterapeuta e como ensiná-las são de especial interesse para supervisores clínicos. Zamignani (2007) desenvolveu um sistema de categorização e um treino sistemático para observadores (software), a fim de ensinar a categorizar comportamentos do psicoterapeuta e do cliente. Entretanto, ainda não foi verificado se esse treino favorece desempenhos discriminados em alunos sem experiência clínica. O objetivo deste trabalho foi verificar se o treino sistemático para observadores pode ser uma ferramenta útil para treinar alunos sem experiência clínica a identificar categorias de comportamentos do psicoterapeuta. Onze alunos foram submetidos ao treino. Na linha de base, os alunos categorizaram os comportamentos do terapeuta em uma sessão transcrita e, posteriormente, fizeram o treino sistemático com o software. Na fase de teste os alunos categorizaram os comportamentos do terapeuta em duas sessões transcritas. O treino foi eficiente somente para as categorias de comportamento de “Facilitação” e “Empatia”, sendo que, dos 11 alunos, dez e nove, respectivamente, melhoram o desempenho de identificar as categorias. Para as categorias “Informação”, “Interpretação”, “Solicitação de Relato”, “Solicitação de Reflexão”, “Recomendação”, “Aprovação” e “Reprovação” o treino com o software não foi eficiente. Isso sugere que pesquisas são necessárias para testar, sob diversas condições, o treino sistemático para observadores.

Palavras-chave: Treino; Treinamento de terapeutas; Terapia analítico-comportamental; Comportamento do terapeuta, Categorias de comportamento.

1) Diogo A. B. Chagas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del Rei. Praça Dom Helvécio, 74 – sala 1.22, Campus Dom Bosco. São João del-Rei – MG, CEP 36301-160, Brasil.

E-mail: diogochagas@hotmail.com

2) Os autores agradecem a Roosevelt R. Starling pelas sugestões e revisão preliminar do manuscrito.

ABSTRACT

The therapeutic work aims to produce changes in the client's behavioral repertoire that results in well-being. In this sense, the patient benefits from the work of a skilled psychotherapist who is able to use specific procedures and has important social skills. Many authors have focused on the psychotherapist's behavior as a critical variable for patient's improvement. The kind of abilities that are fundamental to the psychotherapist and how to teach them are issues of special interest to clinical supervisors. Zamignani (2007) developed a categorization system and a systematic training for observers (software) to teach how to categorize the psychotherapist's and the patient's behavior. This systematic training for observers can be an important tool for teaching the concept of some skills that are considered important to a psychotherapist. However, it hasn't been verified yet, whether this practice favors discriminated performances in students with no clinical experience. The objective of this study was to determine whether the systematic training for observers could be a useful tool to train students, with no clinical experience, to identify categories of psychotherapist's behaviors. Eleven students were submitted to the training (software). At baseline, students categorized the psychotherapist's behavior in a transcribed section and, later, they did the systematic training with the software. In the testing phase, the students categorized the psychotherapist's behavior in two transcribed sections, a section to each one of them. Three judges were trained to identify the therapist's behavior categories Zamignani (2007), to reach an agreement index equal or superior to 80%, then categorized the sessions used in the baseline and test condition, those categorizations were taken as a reference to evaluate the performance of students. The training with the software was efficient only for the "Facilitation" and "Empathy" behavior's categories. Among the 11 pupils, 10 and 9 improved their performance to identify these respective categories. For the categories of "Information", "Interpretation", "Report Request", "Request for reflection", "Recommendation", "Approval" and "Disapproval" training with the software was not efficient. The development of a training tool to identify psychotherapist's verbal behavior categories provides a way to search, produce knowledge and thus shape the future psychotherapists behavior. Both the process of training as the expertise in the clinical area can benefit from the development of this type of tool. Further research is needed to test, under several conditions, the systematic training tool for observers developed by Zamignani (2007).

Keywords: Training; Therapist training; Analytical behavioral therapy; Psychotherapist behavior; Behavior categories.

O trabalho terapêutico tem o objetivo de promover mudanças no repertório comportamental do cliente que favoreçam seu bem-estar, sendo que um profissional bem treinado tem mais chances de conseguir satisfazer esse objetivo (Meyer & Vermes, 2001). Neste contexto, os aspectos da psicoterapia que favorecem resultados positivos tornam-se relevantes para pesquisa (Gavino, 1996; Pergher & Negrão, 2012; Rossi, 2012; Santos, 2009; Tozze, Bolsoni-Silva, Garcia & Nunes, 2015; Zamignani & Meyer, 2011).

O fato de que os resultados esperados em terapia não foram alcançados com a mera aplicação de técnicas levantou a possibilidade de outras variáveis, tais como as características do cliente e do terapeuta, serem relevantes para que o cliente apresentasse melhoras (Fogaca, Bolsoni-Silva & Meyer, 2014; Franks, 2002; Gavino, 1996; Kerbauy, 1981; Santos, 2009). A partir daí, pesquisadoras e clínicos voltaram sua atenção para aspectos da relação terapeuta-cliente como forma de explicar os resultados alcançados em terapia (Donadone, 2004; Pergher & Negrão, 2012; Zamignani &

Andery, 2005; Zamignani & Meyer, 2011) e passaram a descrever as habilidades que um bom terapeuta deve apresentar no contexto clínico (Banaco, 1999; Collins, Foster, & Berler, 1986; Guilhardi & Queiroz, 2001; Kerbauy, 2001; Meyer & Vermes, 2001; Rangé, Guilhardi, Kerbauy, Falcone, & Inbergman, 1995; Sadi, 2011; Wilson & Evans, 1976; Workman & Williams, 1979).

Muitos autores têm focado o comportamento do terapeuta como variável crítica para obter resultados positivos na terapia (Banaco, 1999; Barbosa & Tourinho, 2009; Fogaca et al., 2014; Ford, 1978; Guilhardi, 1987; Guilhardi & Queiroz, 2001; Kerbauy, 2001; Patterson & Forgatch, 1985; Sadi, 2011; Silvaes, 1997; Ulian, 2002). Assim, a busca por métodos capazes de ensinar aos alunos de psicologia o aprendizado de conceitos e das habilidades técnicas e clínicas necessárias para a condução de um processo terapêutico efetivo tem se tornado uma questão cada vez mais relevante para os profissionais responsáveis pela formação de psicólogos clínicos (Rosenberg, 2006, Sadi, 2011, Santos, 2009; Tourinho et al., 2007).

De acordo com Starling (2002), o processo de formação de um psicólogo clínico consiste em arranjar contingências de ensino que favoreçam a aquisição de um controle preciso dos estímulos presentes na situação profissional sobre as respostas do aluno, maximizando a probabilidade de que a sua ação na situação clínica seja tecnicamente adequada. Nesse contexto, Ireno (2007) realizou um levantamento sobre programas de treinamento de terapeutas encontrados na literatura nacional e internacional de língua inglesa. Todos os programas de treinamento tinham como objetivo avaliar um protocolo de treinamento ou ensinar certas habilidades a um terapeuta. A autora relatou que, na literatura nacional, embora exista considerável número de publicações sobre treinamento de terapeutas, as descrições fornecidas referem-se, mais frequentemente, a propostas de estágios e experiências vividas pelos supervisores e alunos, os quais são pouco sistematizados. Na literatura internacional, a maioria dos artigos utilizou protocolos de treinamento de maneira mais sistematizada, se comparada com a literatura nacional.

Zamignani (2007, p. 106), em sua tese de doutorado, elaborou um Sistema multidimensional de categorização de comportamentos na interação terapêutica (SiMCCIT) e, adicionalmente, desenvolveu um programa computadorizado (software) de treino sistemático para observadores. Para a aplicação do treino sistemático para observadores, esse autor submeteu um observador (psicólogo com experiência clínica em análise do comportamento) ao treino com o software e, posteriormente, o observador categorizou respostas verbais do terapeuta e do cliente em 30 minutos de uma sessão terapêutica. O teste de concordância foi realizado comparando a categorização desse autor com a categorização do observador. Para as categorias de comportamento do terapeuta, o índice de concordância obtido foi 0,97.

A partir de então, o SiMCCIT tem sido utilizado em várias pesquisas com diferentes objetivos: caracterizar o comportamento do terapeuta e do cliente em sessões iniciais (Fernandes, 2012; Peron & Lubi, 2012; Tozze et al., 2015); caracterizar o comportamento do terapeuta e do cliente com diagnóstico de transtorno de ansiedade social (Garcia, 2014); caracterizar o comportamento do terapeuta e do cliente em terapias consideradas bem e mal sucedidas (Rossi, 2012); caracterizar o comportamento do terapeuta e do cliente numa sessão de Acompanhamento Terapêutico com objetivo de desenvolver comportamentos pró-estudo (Pergher & Negrão, 2012).

Embora o desenvolvimento do SiMCCIT tenha inicialmente focado a descrição do processo terapêutico para a pesquisa, ou seja, não visava ao desenvolvimento de categorias prescritivas, destinadas à formação de terapeutas, a própria organização do sistema de categorias destaca os eventos relevantes em terapia analítico-comportamental, o que tem permitido o uso do software de treino de observadores como material didático auxiliar no ensino de habilidades básicas de terapeutas analítico-comportamentais (Zamignani & Meyer, 2011). Alguns estudos utilizaram o

software como uma condição de treino para investigar aspectos da relação terapêutica (Peron & Lubi, 2012; Zamignani, 2007). Entretanto, não foi identificado nenhum estudo que tenha avaliado especificamente o software de treino sistemático para observadores. Torna-se, então, relevante verificar se o software de treino sistemático para observadores é uma ferramenta útil para ensinar alunos sem experiência clínica. O objetivo desta pesquisa foi verificar se a exposição ao software produz respostas de observação mais precisas para as categorias de comportamento verbal/vocal do terapeuta em alunos sem experiência clínica.

MÉTODO

Participantes

Alunos: Onze alunos sem experiência clínica em Análise do comportamento, matriculados entre o sexto e nono período do curso de Psicologia. Estes alunos não haviam tido nenhuma experiência com o SiMCCIT ou com o software de treino sistemático para observadores (Zamignani, 2007).

Juízes: Três alunos matriculados entre o oitavo e décimo período do curso de Psicologia, que estavam realizando atendimento no estágio de formação em Clínica Analítico-comportamental, possuíam experiência com o SiMCCIT e tinham sido submetidos ao Treino sistemático para observadores com o referido software (Zamignani, 2007).

Terapeutas e clientes: Dois alunos matriculados no curso de Psicologia, que estavam realizando estágio em Clínica Analítico-comportamental, sob responsabilidade do professor orientador da presente pesquisa. Esses alunos já possuíam experiência com o SiMCCIT e já haviam sido submetidos ao Treino sistemático para observadores com o software, segundo (Zamignani, 2007). Participaram também os dois respectivos clientes dos terapeutas, que consentiram a gravação em áudio de uma sessão de psicoterapia.

Procedimentos

Com as devidas autorizações e adesão irrestrita aos códigos éticos e legais pertinentes, protocolo da CEPES/UFSJ 021/2012, foram produzidas duas gravações de áudio de sessões de psicoterapia, uma com cada terapeuta, e suas respectivas transcrições. A duração média de cada sessão de psicoterapia foi de 60 minutos. De posse das gravações, foram realizadas as transcrições das duas sessões, sendo identificadas as falas do terapeuta e do cliente na ordem em que ocorreram. Estas duas transcrições foram utilizadas posteriormente na condição de teste.

Treino dos alunos – Utilizou-se o treino sistemático para observadores desenvolvido a partir do software *Clic*®, por Zamignani (2007), para o treinamento de cada aluno. O treino é constituído por 433 atividades sobre as categorias do comportamento do terapeuta e 265 atividades para categorias do comportamento do cliente. Somente a parte de categorias do comportamento verbal/vocal do terapeuta foi treinada. As definições e especificações de cada categoria são apresentadas subdivididas em segmentos ao longo do treino. Uma parte do treino é realizada no formato de transcrição da relação terapeuta-cliente e outra parte é realizada no formato audiovisual (pequenos vídeos da díade terapeuta-cliente). Para realizar o treino os alunos receberam somente instruções de como operar o software. Ocorreram três sessões de treino por semana, com duração de 90 minutos cada sessão, tendo sido concluído em até quatro semanas. Durante o treino, os alunos tiveram acesso ao manual impresso do SiMCCIT. O treino foi finalizado quando o aluno terminou

todos os exercícios contidos no software referente às seguintes categorias: Solicitação de Relato (SRE), Facilitação (FAC), Empatia (EMP), Informação (INF), Solicitação de Reflexão (SRF), Recomendação (REC), Interpretação (INT), Aprovação (APR), Reprovação (REP) e Outras Vocal Terapeuta (TOU).

No procedimento de treino dos juízes, os três juízes categorizaram os comportamentos do terapeuta contidos em trechos de sessões transcritas obtidas no estágio em Clínica Analítico-comportamental. A porcentagem de concordância foi calculada pela fórmula: % concordância = $(\# \text{ eventos concordantes} / \# \text{ eventos concordantes} + \# \text{ eventos discordantes}) \times 100$ (Tourinho et al., 2007; Zamignani & Meyer, 2011). Após o cálculo do índice de concordância para as três combinações de duplas, os três juízes discutiam as discordâncias. Esse cálculo foi realizado para as três combinações de duplas de juízes até que as três combinações de dupla atingissem, cada uma, um índice de concordância igual ou superior a 80%. Posteriormente, os juízes categorizaram as sessões que foram utilizadas como condição de linha de base e de teste, categorizações que serviram de gabarito para avaliar o desempenho dos alunos.

Coleta de dados

Na linha de base, os alunos categorizaram trechos de uma sessão de psicoterapia transcrita. Para isso, receberam uma folha que continha os trechos transcritos impressos da sessão de psicoterapia, uma folha de resposta com a numeração das falas do terapeuta e com espaço para a indicação da respectiva categoria do comportamento verbal/vocal do terapeuta, e uma folha que continha somente os nomes das categorias do comportamento verbal/vocal do terapeuta. Não foram fornecidas explicações sobre as categorias. A única orientação fornecida para os alunos foi para categorizarem cada trecho com o nome da categoria que julgassem mais adequado. Cada aluno teve, no máximo, quatro sessões de 90 minutos cada para terminar a linha de base, que teve que ser concluída em duas semanas.

Na condição de teste, cada aluno categorizou as duas sessões transcritas de psicoterapia, uma de cada psicoterapeuta. Estas duas sessões transcritas são diferentes da sessão transcrita na linha de base. Cada aluno recebeu uma impressão de cada sessão transcrita, folhas de resposta e um manual impresso do SiMCCIT. Os alunos tiveram, no máximo, seis sessões de 90 minutos cada para terminar a condição de teste, que teve que ser concluído em duas semanas.

Análise de dados

A porcentagem de acertos para a condição de linha de base e para a condição de teste foi calculada para cada categoria a partir do desempenho de cada aluno em categorizar de maneira correta os trechos transcritos das sessões de psicoterapia. Uma melhora no desempenho da resposta de observação foi considerada quando a diferença na porcentagem de acertos na condição de teste foi igual ou superior a 25 pontos percentuais comparada à porcentagem de acerto na linha de base. Adicionalmente, para cada categoria, foi calculada a porcentagem de troca da categoria certa por cada uma das outras categorias, tanto na linha de base como na fase de teste. Essa porcentagem de troca das categorias escolhidas erradas foi calculada a partir do número total de erros de todos os alunos para cada categoria.

RESULTADOS

Os índices de concordância obtidos para cada uma das três combinações de duplas de juízes foram 93,44%, 88,52% e 80,32%. A Tabela 1 apresenta a porcentagem de acerto total de cada aluno para todas as categorias na linha de base e no teste. Considerando a porcentagem de acerto total, oito alunos (Alunos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11) melhoraram o desempenho da resposta de observação e três alunos (Alunos 1, 2 e 3) não melhoraram o desempenho da resposta de observação. No entanto, mesmo para cada um dos oito alunos que melhoraram o desempenho da resposta de observação, a porcentagem de acerto total na fase de teste foi inferior a 80%. Estes dados mostram a porcentagem de acerto total de cada aluno para todas as categorias e não consideram a variação de acertos que houve por categoria. Por este motivo, julgou-se importante verificar o efeito do treino levando-se em consideração a porcentagem de acerto de cada aluno para cada categoria, separadamente.

Tabela 1. Porcentagem de acerto total de cada aluno para todas as categorias, na linha de base e no teste.

<i>Aluno</i>	<i>Porcentagem de acerto total</i>	
	<i>Linha de base</i>	<i>Teste</i>
1	0,50	0,73
2	0,62	0,76
3	0,56	0,70
4	0,49	0,79*
5	0,45	0,74*
6	0,40	0,71*
7	0,34	0,70*
8	0,40	0,67*
9	0,36	0,68*
10	0,48	0,78*
11	0,44	0,69*

*Aumento igual ou superior a 25 pontos percentuais comparando o teste com a linha de base.

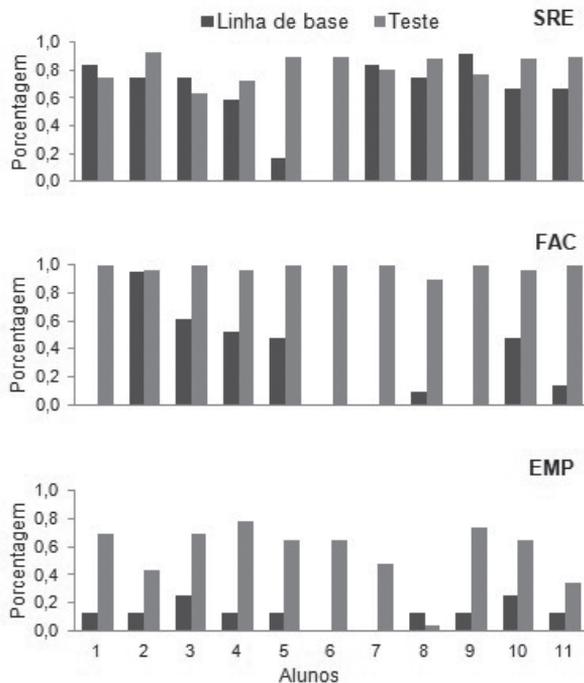


Figura 1. Porcentagem de acerto de cada aluno para as categorias Solicitação de Relato (SRE), Facilitação (FAC) e Empatia (EMP), na linha de base e no teste.

Os dados referentes aos desempenhos individuais, na linha de base e no teste, para cada categoria de comportamento verbal/vocal do terapeuta, estão ilustrados nas Figuras 1, 2 e 3. A Figura 1 mostra a porcentagem de acerto de cada aluno referente às categorias SRE, FAC e EMP. Para a categoria SRE, todos os alunos tiveram porcentagem elevada de acerto na fase de teste, entretanto, a melhora no desempenho da resposta de observação só ocorreu com os Alunos 5 e 6, visto que a porcentagem de acerto na linha de base foi baixa, o que não aconteceu com os demais alunos. Para a categoria FAC, os Alunos 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 melhoraram o desempenho da resposta de observação. A categoria em que houve maior número de alunos com melhora de desempenho da resposta de observação foi a categoria FAC, visto que, dos dez alunos que melhoraram, sete acertaram todas as categorias FAC na fase de teste, sendo que cada um dos quatro alunos restantes obteve entre 90 e 97% de acerto. A categoria EMP foi a segunda com maior número de alunos com melhora de desempenho da resposta de observação, visto que os alunos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9 e 10 melhoraram o desempenho. O Aluno 11 quase alcançou o critério de melhora de desempenho da resposta de observação, com porcentagens de acerto de 13% e 35% na linha de base e na fase de teste, respectivamente.

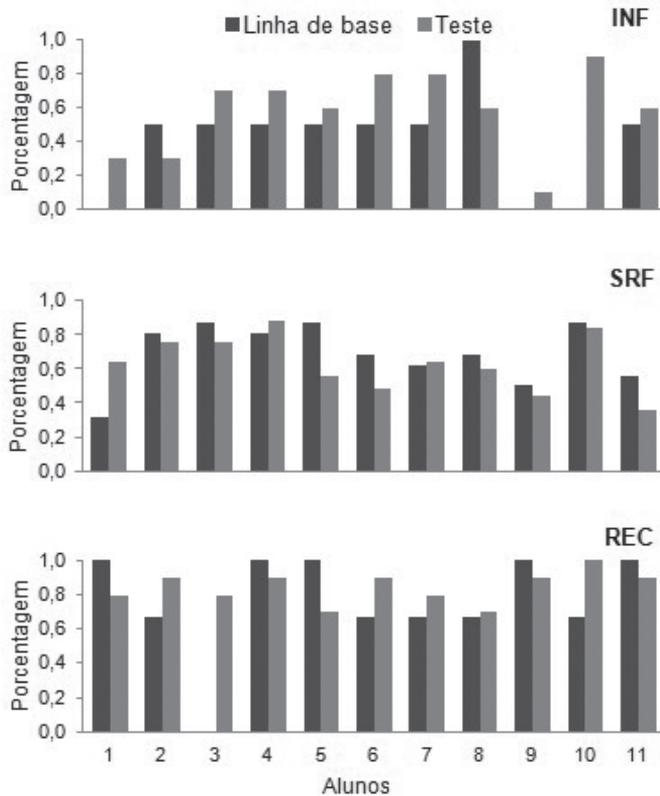


Figura 2. Porcentagem de acerto de cada aluno para as categorias Informação (INF), Solicitação de Reflexão (SRF) e Recomendação (REC), na linha de base e no teste.

A Figura 2 mostra a porcentagem de acerto de cada aluno para as categorias INF, SRF e REC. Para as três categorias, apesar da maioria dos alunos ter obtido porcentagem elevada de acerto na fase de teste, a porcentagem elevada de acerto na linha de base, superior a 50%, impediu satisfazer o critério de melhora de desempenho da resposta de observação. Para a categoria INF, os Alunos 1, 6, 7 e 10 melhoraram o desempenho da resposta de observação, sendo que os Alunos 6 e 7 tiveram um elevado desempenho na linha de base, diferente dos outros dois alunos que tiveram desempenho igual a zero na linha de base. Para as categorias SRF e REC pode-se dizer que não houve efeito do treino sobre o desempenho dos alunos, pois somente o Aluno 1 melhorou o desempenho da resposta de observação para a categoria SRF e, para a categoria REC, somente os Alunos 3 e 10 melhoraram o desempenho da resposta de observação.

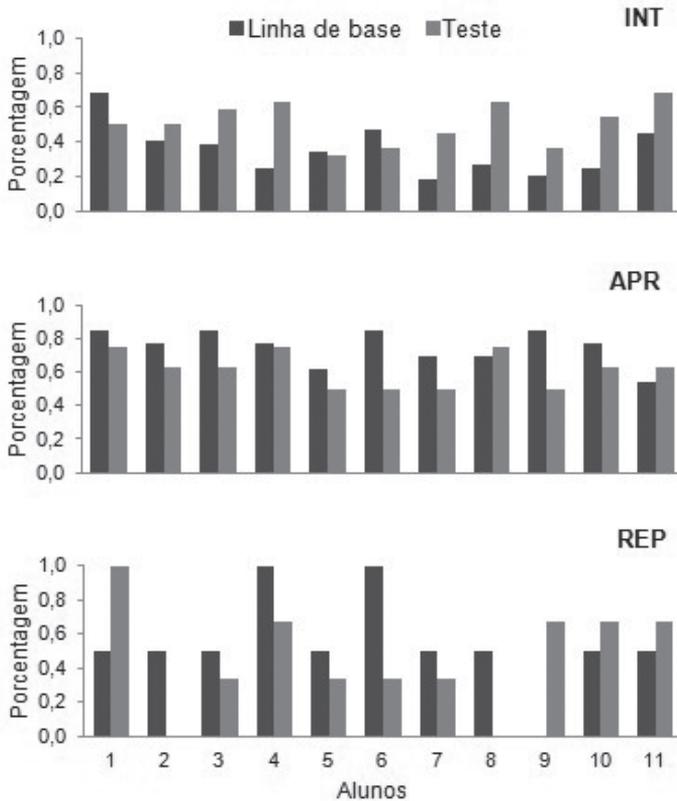


Figura 3. Percentagem de acerto de cada aluno para as categorias Interpretação (INT), Aprovação (APR) e Reprovação (REP), na linha de base e no teste.

A Figura 3 mostra a percentagem de acerto de cada aluno para as categorias INT, APR e REP. Para a categoria INT somente os Alunos 4, 7, 8 e 10 melhoraram o desempenho da resposta de observação. Para as categorias APR e REP pode-se dizer que não houve efeito do treino sobre o desempenho dos alunos, pois somente os Alunos 1 e 9 melhoraram o desempenho para a categoria REP e, para a categoria APR, nenhum aluno melhorou o desempenho da resposta de observação.

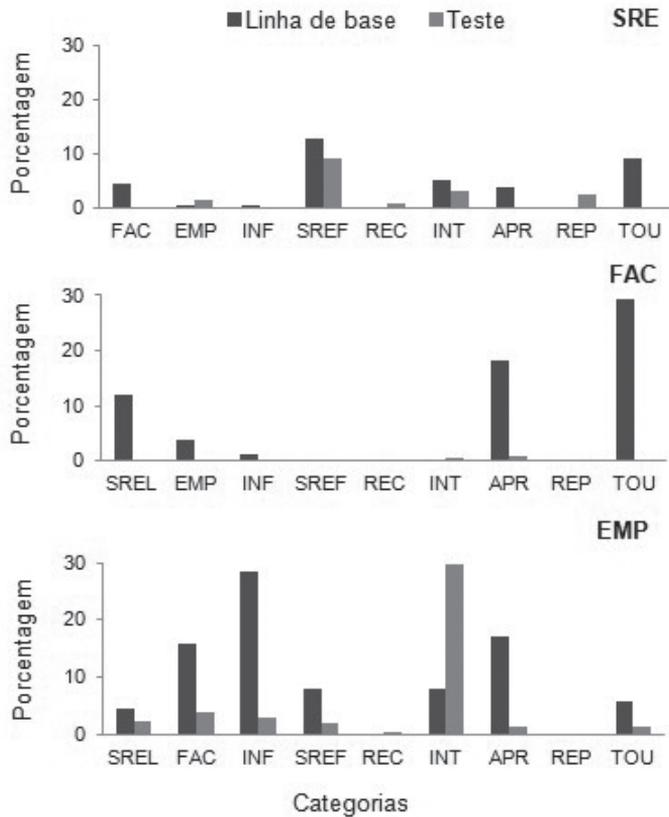


Figura 4. Porcentagem de troca, de todos os alunos, das categorias SRE, FAC e EMP por outras categorias, na linha de base e no teste.

A Figura 4 mostra, para cada categoria, a porcentagem de categorias escolhidas erradas por todos os alunos, na condição de linha de base e na condição de teste, para as categorias SRE, FAC e EMP. Para a categoria SRE houve porcentagem de troca tanto na linha de base como na fase de teste por várias outras categorias, sendo maior a porcentagem de troca por SRF. Para a categoria EMP o treino diminuiu a porcentagem de troca pelas categorias SRE, FAC, INF, SRF, APR e TOU. Entretanto, após o treino, a porcentagem de troca da categoria EMP pela INT aumentou. A única categoria para qual o treino diminuiu quase completamente a porcentagem de troca foi a categoria FAC.

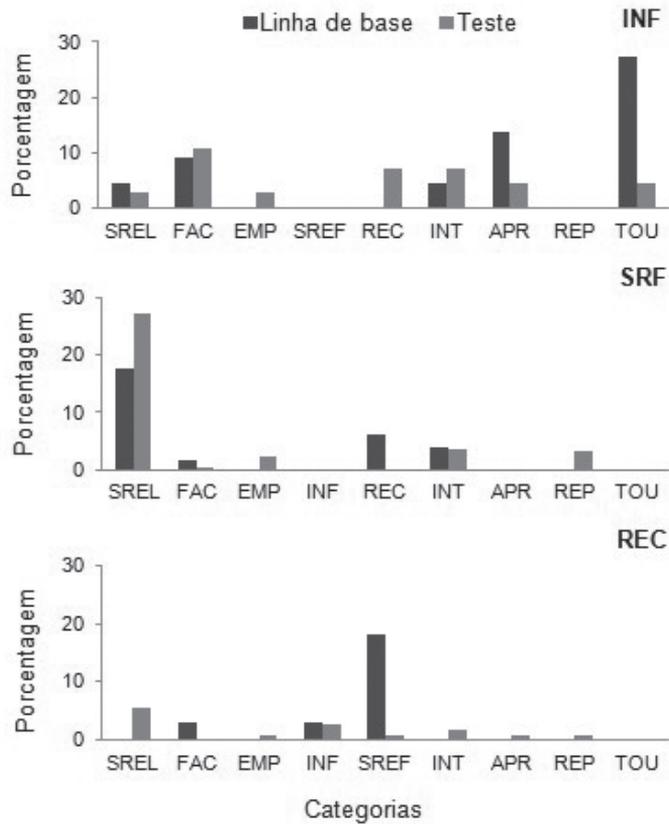


Figura 5. Porcentagem de troca, de todos os alunos, das categorias INF, SRF e REC por outras categorias, na linha de base e no teste.

A Figura 5 mostra, para cada categoria, a porcentagem de categorias escolhidas erradas por todos os alunos, na condição de linha de base e na condição de teste, para as categorias INF, SRF e REC. O treino diminuiu a porcentagem de troca da categoria INF pelas categorias APR e TOU. Entretanto, mesmo após o treino, houve porcentagem de troca da categoria INF pelas categorias SRE, FAC, EMP, REC, INT, APR e TOU. Para a categoria SRF, mesmo após o treino, houve porcentagem de troca pelas categorias FAC, EMP, INT, REP, sendo maior a porcentagem de troca pela categoria SRE. Para a categoria REC houve pequena porcentagem de troca por várias das outras categorias após o treino.

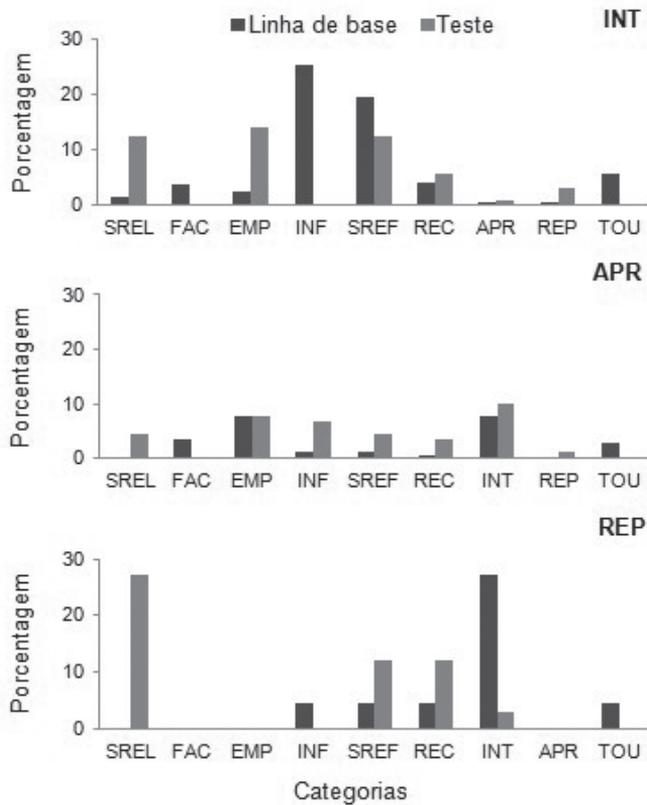


Figura 6. Porcentagem de troca, de todos os alunos, das categorias INT, APR e REP por outras categorias, na linha de base e no teste.

A Figura 6 mostra, para cada categoria, a porcentagem de categorias escolhidas erradas por todos os alunos, na condição de linha de base e na condição de teste, para as categorias INT, APR e REP. Tanto para a categoria INT quanto para a categoria APR, mesmo após o treino, houve porcentagem de troca pela maioria das outras categorias. Para a categoria INT houve maior porcentagem de troca pelas categorias SRE, EMP e SRF. Para a categoria APR houve maior porcentagem de troca pelas categorias EMP, INF e INT. Para a categoria REP, mesmo após o treino, houve porcentagem de troca pelas categorias SRF, REC, INT, sendo maior a porcentagem de troca pela categoria SRE.

DISCUSSÃO

O objetivo e os procedimentos deste estudo diferiram dos encontrados em outras pesquisas que utilizaram o software de treino sistemático para observadores, desenvolvido por Zamignani

(2007). Os estudos que utilizaram o software tiveram como objetivo descrever algum aspecto da relação terapêutica e, para isso, utilizaram o teste de concordância entre observadores, sendo que nenhum dos estudos produziu medidas de linha de base. O objetivo do presente trabalho foi verificar se a exposição ao software de treino sistemático para observadores favorece a aquisição da resposta de observação adequada para as categorias de comportamento verbal/vocal do terapeuta em alunos sem experiência de atendimento clínico. Para fins de comparação dos resultados deste estudo com outros encontrados na literatura, a porcentagem de acerto total na Tabela 1 pode ser considerada equivalente ao índice de concordância entre observadores utilizado em outros estudos. Na presente pesquisa, a porcentagem de acerto total, na condição de teste, variou de 67% a 79%, inferior ao índice de concordância de 97% relatado por Zamignani (2007), de 81,96% relatado por Peron e Lubi (2012) e de 80% a 87% relatado por Tozze et al. (2015). A experiência dos categorizadores pode ser importante para explicar essas diferenças nos resultados, uma vez que, no trabalho de Zamignani (2007), os categorizadores foram terapeutas analíticos comportamentais com experiência clínica, no trabalho de Peron e Lubi (2012) os categorizadores foram dois terapeutas analítico comportamentais iniciantes, e no trabalho de Tozze et al. (2015) os categorizadores foram duas alunas que já tinham cursado disciplina de formação em terapia comportamental. Entretanto, nesta pesquisa os alunos não tinham qualquer experiência clínica com fundamentação analítico-comportamental. De acordo com Santos (2009), a experiência clínica dos categorizadores é uma variável que pode afetar a resposta de categorização. Outras diferenças entre esta pesquisa e os estudos relatados acima devem ser consideradas, como o formato das sessões que foram categorizadas. Nos estudos de Zamignani (2007) e Tozze et al. (2015) os observadores categorizaram, respectivamente, trechos de gravação audiovisual e de gravação somente de áudio de uma sessão de atendimento psicoterapêutico. No estudo realizado por Peron e Lubi (2012) foram categorizados trechos de sessões transcritas, assim como nesta pesquisa. Segundo Tourinho et al. (2007) e Santos (2009), transcrições de sessões não contêm todas as dicas contextuais relevantes para identificar as funções das verbalizações, revelando apenas uma parte da intervenção do psicoterapeuta. Dessa forma, o fato de ter que categorizar uma sessão no formato transcrito pode ter dificultado para os alunos nesta pesquisa.

A porcentagem de acerto total, considerando todas as categorias por aluno, sugere que o treino foi eficiente, pois oito dos 11 alunos melhoraram o desempenho da resposta de observação (Tabela 1). Duas condições ajudam a compreender essa melhora no desempenho dos alunos: primeira, na fase de teste a soma do número de ocorrência das categorias FAC e SRE foi próxima da soma do número de ocorrência das outras sete categorias juntas, respectivamente, 95 e 101; segunda, a porcentagem de acerto dos alunos foi elevada na fase de teste para as categorias FAC e SRE (porcentagem média de acerto entre os alunos foi de 98,2% para FAC e 82% para SRE). Como os alunos tiveram porcentagem elevada de acerto nas categorias que tiveram mais ocorrência, isso tem um peso considerável quando o efeito do treino é avaliado utilizando-se a porcentagem de acerto de todas as categorias juntas. Essas duas condições favoreceram o aumento na porcentagem de acerto total, considerando todas as categorias para cada aluno. Entretanto, quando foi utilizada a porcentagem de acerto por categoria e por aluno, o resultado mostrou que o treino com o software foi eficiente somente para duas das nove categorias, especificamente, FAC e EMP. Para a maioria das categorias o elevado desempenho na linha de base impediu satisfazer o critério de melhora no desempenho da resposta de observação. Esses resultados observados na Tabela 1 são parecidos com os resultados produzidos por Zamignani (2007), mais especificamente os resultados da Tabela 9 do Estudo 2 de sua tese. Zamignani (2007) relatou que o treino com o software foi eficiente, sendo que para isso, utilizou o índice de concordância geral, tomando

como referência todas as categorias. Entretanto, Zamignani (2007) não apresentou o índice de concordância por categoria, o que impossibilita avaliar o quanto o treino foi eficiente para cada categoria. Tourinho et al. (2007) apontaram que é importante calcular, além do índice de concordância geral, o índice de concordância por categoria de registro. Dessa forma, nesta pesquisa, foi calculado o desempenho de cada aluno para cada categoria.

Em relação às categorias FAC e EMP, observa-se que a exposição ao software foi eficiente ao produzir resposta de observação adequada para dez e nove alunos, respectivamente. Para a categoria FAC, as descrições e os critérios de inclusão ou exclusão parecem estar bem definidos, pois, além dos dez alunos melhorarem o desempenho da resposta de observação, também houve menos troca por outras categorias na condição de teste (Figura 4). Para a categoria EMP, apesar dos nove alunos melhorarem seus desempenhos, houve muita troca pela categoria INT (Figura 4).

Para as categorias INF e INT, o efeito do treino sobre o desempenho dos alunos foi fraco, pois, para cada categoria, somente quatro dos onze alunos melhoraram o desempenho da resposta de observação (Figura 2 e Figura 3). Algumas condições ajudam a compreender o resultado para a categoria INF. Na linha de base houve apenas duas ocorrências dessa categoria, ou seja, acertar uma categoria INF na linha de base significou 50% de acerto para essa categoria. Adicionalmente, os alunos escolheram muito a categoria INF na linha de base, visto que 22% dos erros totais na linha de base, considerando todos os alunos, ocorreram quando escolheram a categoria INF ao invés da categoria correta. Então, acerto aleatório pode ter ocorrido para esta categoria. Isso, aliado ao fato de haver somente duas ocorrências da categoria INF na linha de base pode ter favorecido a porcentagem elevada de acerto dos alunos para essa categoria e dificultado observar melhora no desempenho da resposta de observação quando comparado com a fase de teste. Os resultados da pesquisa de Tourinho et al. (2007) mostraram que o baixo índice de concordância encontrado para algumas categorias de sessões transcritas está relacionado à baixa frequência da categoria na sessão correspondente. Ou seja, quanto menor a ocorrência de uma categoria, maior o impacto de uma discordância de categorização sobre o índice de concordância. Os pesquisadores também sugerem que, em um processo de avaliação de um sistema de categorização ou procedimento de treino, as sessões de teste deveriam conter uma proporção semelhante das diversas categorias, caso contrário, os índices gerais de concordância podem indicar uma consistência do sistema de categorização ou do procedimento de treino, mas produzem resultados contraditórios quando analisados por categorias.

Para as categorias SRE, SRF, REC, APR e REP o efeito do treino sobre o desempenho dos alunos foi praticamente inexistente. É importante ressaltar que, para a categoria REP, houve pouca ocorrência na linha de base e na condição de teste, apenas duas e três ocorrências, respectivamente. Considerando-se esse viés, de acordo com o que foi exposto anteriormente, deve-se avaliar cuidadosamente o efeito do treino sobre o desempenho dos alunos para essa categoria. Em relação à categoria REC, os resultados encontrados podem estar relacionados à experiência clínica dos psicoterapeutas que conduziram as sessões que foram transcritas e, posteriormente, categorizadas. Santos (2009) considera a possibilidade dessa variável ter afetado os resultados de seu estudo. Na presente pesquisa, a transcrição utilizada na linha de base era de um atendimento conduzido por um psicoterapeuta experiente, ao passo que as transcrições utilizadas na condição de teste foram de alunos estagiários. Portanto, uma possível explicação para a porcentagem elevada de acertos na linha de base é que os trechos de falas do terapeuta referentes à categoria REC, na linha de base, são mais objetivos em especificar o que o cliente deve fazer quando comparados aos trechos de falas do terapeuta referentes à categoria REC na condição de teste. A fala do terapeuta na linha de base, enfatizando o que o cliente deve fazer, pode ter favorecido aos alunos acertarem mais na linha de base, por ficar mais evidente que o terapeuta está recomendando, tanto que todos

os alunos acertaram pelo menos duas das três categorias na linha de base. Essa porcentagem de acertos elevada na linha de base impediu observar melhora no desempenho dos alunos. Para SRF, APR e SRE, de modo geral, a porcentagem de acertos na linha de base foi elevada. Uma possível explicação para isso é que essas três categorias foram muito escolhidas pelos alunos na linha de base, uma vez que 38% dos erros totais dos alunos consistiram em trocar a categoria correta por uma dessas três categorias, o que pode ter favorecido acerto aleatório para essas três categorias.

A categoria TOU não ocorreu na sessão de linha de base, por isso não foi analisado o desempenho dos alunos para essa categoria. Entretanto, a lista que os alunos receberam com os rótulos das categorias continha a categoria TOU, de maneira que poderiam classificar a fala transcrita do terapeuta com essa categoria tanto na linha de base como na condição de teste. Observa-se que, na linha de base, os alunos escolheram bastante a categoria TOU quando o correto seria outra categoria. Após o treino, esse tipo de erro diminuiu bastante (Figura 4, Figura 5 e Figura 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O treino baseado nas categorias de comportamento verbal vocal do terapeuta foi desenvolvido de acordo com os princípios da Análise do Comportamento (Zamignani, 2007). O refinamento desse treino pode favorecer o ensino de certas classes de comportamentos do terapeuta que são consideradas importantes assim como a pesquisa de aspectos da relação terapêutica, contribuindo para o processo de formação e de especialização na área clínica. A presente pesquisa avaliou de maneira diferente o software de treino desenvolvido por Zamignani (2007) às avaliações encontradas na literatura. A inclusão de medidas de linha de base permitiu que fossem comparados os desempenhos individuais dos alunos, antes e depois do treino. Adicionalmente, a avaliação por categorias de registro em detrimento de uma avaliação geral (considerando todas as categorias) tem mostrado ser mais produtiva. Outra contribuição do presente estudo foi registrar as categorias escolhidas erradas. Este dado pode orientar o refinamento tanto do SiMCCIT quanto do treino sistemático para observadores (software). Entretanto, a presente pesquisa também apresenta algumas limitações: a utilização de transcrições de sessões de atendimento conduzidas por psicoterapeutas com diferentes níveis de experiência clínica e a frequência irregular de algumas categorias na linha de base e na fase de teste. Novas pesquisas que avaliem o software de treino sistemático para observadores devem superar as limitações desta pesquisa. Adicionalmente, sugere-se que novas pesquisas registrem o controle das respostas de selecionar cada categoria, solicitando que cada participante escreva o que controlou a resposta de escolha. Isso poderá ajudar a refinar as definições das categorias e os critérios de inclusão/exclusão do SiMCCIT.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, J. I. C., & Tourinho, E. Z. (2009). Verbalizações de terapeuta e cliente e estabelecimento de relações na evolução de uma terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 386-406. Recuperado de <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/411/305>
- Banaco, R. A. (1999). Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição – psicologia comportamental e cognitiva: Da reflexão teórica à diversidade da aplicação* (pp. 75-82). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

- Collins, F. L., Foster, S. L., & Berler, E. S. (1986). Clinical training issues for behavioral psychology. *Professional Psychology: Research and practice*, 17(4), 301-307. doi:10.1037/0735-7028.17.4.301
- Donadone, J. C. (2004). *O uso da orientação em intervenções clínicas por terapeutas experientes e pouco experientes* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-10112004-114425/pt-br.php>
- Fernandes, F. A. D. (2012). *Relação terapêutica: uma análise dos comportamentos de terapeuta e cliente em sessões iniciais de terapia* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-05122012-151034/pt-br.php>
- Fogaca, F. F. S., Bolsoni-Silva, A. T., & Meyer, S. B. (2014). Interação terapêutica: Considerações sobre os efeitos dos comportamentos de empatia, interpretação e orientação. *Acta Comportamentalia*, 22(2), 218-226. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274530755007>
- Ford, J. D. (1978). Therapeutic relationship in behavior therapy: an empirical analysis. *Journal Consulting and Clinical Psychology*, 46(6), 1302-1314. doi: 10.1037/0022-006X.46.6.1302
- Franks, C. M. (2002). Origens, história recente, questões atuais e estados futuros da terapia comportamental: uma revisão conceitual. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (pp. 3-22). São Paulo: Editora Santos.
- Garcia, V. A. (2014). *Análise da interação terapêutica em intervenções com universitários com transtorno de ansiedade social* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru. Recuperada de <http://www2.fc.unesp.br/BibliotecaVirtual/DetalhaDocumentoAction.do?idDocumento=622#>
- Gavino, A. (1996). As variáveis do processo terapêutico. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (pp. 131-143). São Paulo: Editora Santos.
- Guilhardi, H. J., & Queiroz, P. B. P. S. (2001). A análise funcional no contexto terapêutico – o comportamento do terapeuta como foco de análise. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição – a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (Ed. rev., pp. 43-93). Santo André, SP: ESETEC Editores Associados.
- Guilhardi, H. J. (1987). A formação do terapeuta comportamental. Que formação? Em H. W. Lettner, & B. Rangé (Orgs.), *Manual de psicoterapia comportamental* (pp. 313-320). São Paulo: Editora Manole.
- Ireno, E. M. (2007). *Formação de terapeutas analítico-comportamentais: Efeitos de um instrumento para avaliação de desempenho* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15012008-153251/pt-br.php>
- Kerbauf, R. R. (1981). Mudaram as técnicas ou os terapeutas? *Ciência e Cultura*, 33(8), 1077-1088.
- Kerbauf, R. R. (2001). O repertório do terapeuta sob a ótica do supervisor e da prática clínica. Em H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição – expondo a variabilidade* (1a. ed., pp. 443-452). Santo André, SP: ESETEC Editores Associados.
- Meyer, S. B., & Vermes, J. S. (2001). Relação terapêutica. Em B. Range (Org.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais* (pp. 101-110). Porto Alegre: Editora Artmed.

- Patterson, G. R., & Forgatch, M. S. (1985). Therapist behavior as a determinant for client noncompliance: A paradox for the behavior modifier. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(6), 846-851. doi:10.1037/0022-006X.53.6.846
- Pergher, N. K., & Negrão, L. F. (2012). Aplicação do Sistema Multidimensional para Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica ao acompanhamento terapêutico com foco no desenvolvimento de comportamentos pró-estudo. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 12(1), 88-97. Recuperado de http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-Graduacao/Docs/Cadernos/Volume_12/Artigo_9_Aplicacao_do_Sistema_Multidimensional_para_Categorizacao.pdf
- Peron, F., & Lubi, A. P. L. (2012). Instâncias da relação terapêutica medidas a partir de um instrumento de categorização. *Acta Comportamentalia*, 20(1), 109-123. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452012000100008&lng=pt&tlng=pt
- Rangé, B., Guilhardi, H. J., Kerbauy, R. R., Falcone, E. M. O., & Inbergman, Y. K. (1995). Ensino, treinamento e formação em psicoterapia comportamental e cognitiva. Em B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas* (pp. 331-355). Campinas, SP: Psy.
- Rosenberg, J. I. (2006). Real-Time Training: transfer of knowledge through computer-mediated, real time feedback. *Professional Psychology: research and practice*, 37(5), 539-546.
- Rossi, P. R. (2012). *Categorização da quarta sessão de psicoterapias bem e mal sucedidas* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-19072012-112658/pt-br.php>
- Sadi, H. M. (2011). *Análise dos comportamentos de terapeuta e cliente em um caso de Transtorno de Personalidade Borderline* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-04112011-115705/pt-br.php>
- Santos, J. V. (2009). *Comportamento verbal vocal do terapeuta: avaliação de um sistema de categorias e um procedimento de treino* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém. Recuperada de <http://ppgtpc.prosp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Joene%20Santos%202009.pdf>
- Silvares, E. F. M. (1997). Dificuldades, na graduação e pós-graduação, com a prática clínica comportamental. Em R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição - psicologia comportamental e cognitiva: Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico* (pp. 442-447). Santo André: ESETEC Editores Associados.
- Starling, R. R. (2002). Formação de terapeutas analítico-comportamentais: colocando o modelo sob as contingências do modelado. Em A. M. S. Teixeira (Org.), *Ciência do Comportamento – conhecer e avançar* (1a. ed., pp. 1-37). Santo André, SP: ESETEC Editores Associados.
- Tourinho, E. Z., Neno, S., Batista, J. R., Garcia, M. G., Brandão, G. G., Souza, L. M., Lima, J. B., Barbosa, J. I. C., Endermann, P., & Oliveira-Silva, M. (2007). Condições de treino e sistemas de categorização de verbalizações de terapeutas. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 317-336. Recuperado de <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/202/168>
- Tozze, K. F., Bolsoni-Silva, A. T., Garcia, C. A., & Nunes, P. L. (2015). Análise da interação terapeuta-cliente em sessões iniciais de atendimento. *Revista Perspectivas*, 6(1), 24-29. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482015000100003&lng=pt&tlng=pt

- Ulian, A. L. A. (2002). Reflexões sobre uma experiência relativa à formação de dois terapeutas comportamentais. *Revista Brasileira de terapia Comportamental e Cognitiva*, 4(2), 91-104.
- Wilson, G. T., & Evans, I. M. (1976). Adult behavior therapy and the therapist-client relationship. Em C. M. Franks & G. T. Wilson (Eds.) *Annual Review of Behavior Therapy: Theory and practice* (Vol. 4, pp. 771-792). New York: Brunner/Mazel.
- Workman, E. A., & Williams, R. L. (1979). A brief method for determining the effects of selected counselor characteristics on client's expectations of counseling successes. *Journal of behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 10(1), 41-45. doi:10.1016/0005-7916(79)90035-1
- Zamignani, D. R. (2007). O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-21052009-091808/pt-br.php>
- Zamignani, D., R. & Andery, M. A. P. A. (2005). Interação entre terapeutas comportamentais e clientes diagnosticados com transtorno obsessivo-compulsivo. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 21(1), 109-119. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n1/a15v21n1.pdf>
- Zamignani, D., & Meyer, S. B. (2011). Comportamentos verbais do terapeuta no Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica (SiMC-CIT). *Revista Perspectivas*, 2(1), 25-45. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482011000100004&lng=pt&tlng=pt

Received: June 28, 2016

Accepted: July 08, 2017